

DA ANÁFORA CORREFERENCIAL À ANÁFORA ASSOCIATIVA: UMA REFLEXÃO

Milton Francisco da Silva¹

RESUMO

Neste trabalho, assume-se como conceito básico a noção restrita de anáfora associativa, considerando-a como espécie de contraponto da anáfora correferencial. Mediante análise qualitativa faz-se uma reflexão sobre a abordagem cognitivo-discursiva e a abordagem léxico-estereotípica no sentido de identificar a anáfora associativa como fenômeno cognitivo-discursivo ou como fenômeno léxico-estereotípico. O resultado conduz a considerar que, no texto oral, ocorre amálgama das duas abordagens.

Palavras-chave: Anáfora Correferencial, Anáfora Associativa, abordagem cognitivo-discursiva, abordagem léxico-estereotípica.

INTRODUÇÃO

Neste estudo, fez-se uma reflexão sobre o conceito de anáfora associativa, mostrando que, embora ela implique um apego ao aspecto formal dos sintagmas nominais, a relação entre esses sintagmas pode ser vislumbrada por outras lentes: pela abordagem cognitivo-discursiva e/ou pela léxico-estereotípica, por exemplo.

Inicialmente, como contraponto à anáfora associativa, expôs-se a concepção canônica de anáfora, denominada anáfora correferencial. A anáfora associativa é apresentada como alternativa de ampliar o conceito de anáfora.

O *corpus* deste trabalho constituiu-se de excertos extraídos do Banco de Dados Lingüísticos do VARSUL - Variação Lingüística Urbana na Região Sul do Brasil. Para o recorte desses excertos, orientou-se pela identificação de anáfora e de informações pertinentes a seus elementos lingüísticos.²

1 - A (des)vantagem da noção de Anáfora Correferencial

A noção de anáfora correferencial é descrita aqui a partir de Halliday e Hasan (1976). Segundo esses autores, a *anáfora* ocorre entre dois elementos expressos

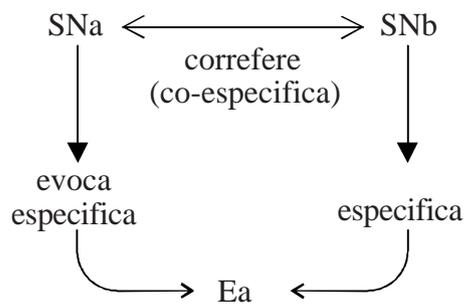
¹ Mestre em Letras - Estudos Lingüísticos - pela Universidade Federal do Paraná. Professor de Português da Escola Estadual "Benedito Valadares", em São Gonçalo do Pará-MG.

² O suporte teórico deste artigo é parte da dissertação de Mestrado intitulada *A progressão referencial-anafórica na fala cotidiana*, desenvolvida no Curso de Pós-Graduação em Letras na Universidade Federal do Paraná, sob a orientação da Prof^a. Dra. Iara Bemquerer Costa. Já a análise exposta nas páginas seguintes é particular ao presente trabalho. Tanto à dissertação quanto a este trabalho foram cruciais a atenção e ensinamentos da Profa. Iara. As falhas que ainda ocorrem aqui são de inteira responsabilidade do autor.

na superfície do texto (no cotexto): pontualizáveis, portanto. Um item/expressão lexical (*elemento anafórico*) retoma correferencialmente outro item (*elemento substancial*) presente no contexto retrospectivo; assim, o referente do *elemento anafórico* é o mesmo referente do elemento substancial (antecedente). Anáfora correferencial é uma concepção canônica de anáfora que implica idéia de que uma forma pronominal e/ou nominal retoma um antecedente nominal explícito no contexto.

Caso o elemento substancial seja expresso no cotexto prospectivo, não ocorre *anáfora*, mas, sim, *catáfora*. Conforme Halliday e Hasan (p.17), a relação de anáfora é um “apontar para trás”, enquanto a de catáfora é um “apontar para frente” no texto.

Os autores Kleiber, Schnedecker e Ujma (1994) assumem o seguinte esquema proposto por Webber³ para representar as anáforas correferenciais:



Aqui, **Ea** significa que a especificação (E) que **SNa** (sintagma nominal como *elemento substancial*) e **SNb** (sintagma nominal como *elemento anafórico*) realizam é sobre um só referente (a): o referente introduzido por **SNa** é também especificado por **SNb**. Aproveitando das palavras de Marcuschi (2001, p.221), esse esquema retrata uma situação em que

um SNa (um sintagma qualquer na função de antecedente) evoca [introduz] e especifica um referente, sendo que um outro SNb (um sintagma ou um pronome na função de [elemento anafórico]) apenas corretere e co-especifica mas não introduz algo diverso. Trata-se de uma reativação. O símbolo Ea indica que a especificação referencial é uma só.

Exemplos de anáfora correferencial são identificados abaixo.

Excerto 1

E E já aconteceu algum assalto, algum acidente contigo, alguma morte na família?

F [...] Com morte de fa... em família (hes) já teve. Já tive, assim, *peessoas*[1] que já morreram.

E Mas era longe, *parentes*[2] longe, não foi ninguém, assim, próximo, alguém, né? assim, mais querido teu?

F É, teve *parente, mesmo, próximo*[3], já faleceu, que eu gostava muito. E teve uma... *uma pessoa*[4] (hes) como se fosse entrar... (hes) fosse... ia entrar pra família, que era *o namorado da minha filha*[5], né? E a gente gostava muito *dele*[6], (est) adorava. E *ele*[7] sofreu de aciden... (hes) morreu de acidente.

E Acidente automo... de automóvel? (SCFLP10 - 316 a 360)⁴

Dentro do modelo de Halliday e Hasan, a forma pronominal *ele*[7] retoma *ele*[6], que, por sua vez, retoma a forma nominal *o namorado de minha filha*[5], a qual retoma *uma pessoa*[4], e essa retoma *parente, mesmo, próximo*[3], estabelecendo, portanto, várias relações anafóricas. Nota-se que o elemento anafórico [7] é dependente de uma forma nominal, por isso realiza uma “volta” até encontrar o elemento substancial [5], e isso é o suficiente (e necessário) para satisfazer referencialmente essa forma pronominal. Quanto à referência dos elementos [3] a [7], eles referem-se à mesma pessoa, isto é, a informante utiliza-se de diferentes formas lingüísticas para introduzir e retomar um mesmo indivíduo. Esses elementos constituem uma cadeia referencial.

Caso semelhante ao que ocorre com as formas nominais *o namorado de minha filha*[4] e *uma pessoa*[3], é a anáfora que ocorre na cadeia constituída por *parentes*[2] e *peessoas*[1]. Ou seja, [2] retoma [1] correferencialmente. Sobre essa relação, mesmo havendo expressões/informações explícitas no cotexto como *ninguém, assim, próximo, alguém, né? assim, mais querido teu?*, que contribuem para que [2] tenha uma carga semântico-referencial particular, e identidade de referentes se mantém. Tais expressões não são consideradas na perspectiva dessa noção de anáfora. Outro aspecto desconsiderado diz respeito ao fato de [1] ser enunciado pela informante e [2] pela entrevistadora, e isso indica que há uma cooperação dos interlocutores quanto à anáfora, Halliday e Hasan

³ WEBBER, B. L. Tense as discourse anaphor. *Computational Linguistics*, v.14, n.2, p.61-73, Jun 1988

⁴ Nos excertos, mantêm-se sinais adotados na transcrição realizada quando se constituiu o Banco de Dados Lingüísticos do VARSUL, os quais são considerados relevantes ao presente estudo, por exemplo, E: entrevistador, F: entrevistado, (hes): hesitação, (est): estímulo dado pelo ouvinte ao falante, (inint): trecho ininteligível. Ao fim de cada excerto, identifica-se a localidade do entrevistado e o número da entrevista, dentre 12 realizadas em Santa Catarina, Florianópolis, n.10), e as linhas correspondentes no arquivo eletrônico do Banco de Dados. Informações detalhadas sobre esse Banco podem ser obtidas em Knies e Costa (1996).

não evidenciam esse aspecto cooperativo da construção textual porque os elementos formais lhes são suficientes nas relações anafóricas (e catafóricas).

Com essa análise, embora breve, o fenômeno anafórico se sustenta como estratégia de construção textual ou de entendimento do processo semântico-referencial? Certamente sim, mas não como única, principal ou “a mais frutífera”. Ou seja, a “**definição estrita [e correferencial] de anáfora tem a vantagem da controlabilidade do fenômeno, mas a desvantagem da limitação da observação e impossibilidade de explicação de um grande número de referências textuais**”, como bem observa Marcuschi (1998, p.4, grifo nosso). Consonante com a posição de Marcuschi é a de Ilari (2001, p.107): o autor atenta que “o caso em que a anáfora veicula correferência não é nem o único possível nem o mais interessante ou instrutivo. É, na melhor das hipóteses, um caso limite, que nos impressiona pela simplicidade, mas por isso mesmo transmite uma impressão de segurança até certo ponto enganosa”.

Tanto a crítica de Marcuschi quanto a de Ilari apontam para um reducionismo, facultado pelo apego às formas lingüísticas, da noção de anáfora correferencial, que parece não estabelecer coerência com a complexidade lingüística que permeia a construção textual. A coesão intratextual, no que diz respeito aos referentes, não acontece de modo ordenado nem linear como pressupõe essa noção de anáfora. Exemplo disso pode ser observado pela ótica dos interlocutores: eles negociam, jogam com a inferência, valorizam o conhecimento de mundo e de língua armazenados na mente, permitem a influência do contexto situacional no texto. Enfim, a relação anafórica pode ocorrer desapegada da correferencialidade entre dois elementos lingüísticos do cotexto. Isto é, a correferencialidade é facultativa na relação anafórica.

A proposta do presente estudo, portanto, não é descartar o caso em que a correferencialidade integra a relação anafórica, mas, sim, examinar o caso em que a correferencialidade não ocorre. Para tanto, trabalha-se, a seguir, com um conceito ampliado de anáfora, a partir da subclasse denominada *anáfora associativa*, enfatizando fatores relevantes na construção textual: as informações difusas no cotexto, a negociação de falante e ouvinte, o contexto extraverbal/social. Esses fatores integram a ampliação

do conceito de anáfora.

2 - Aspectos da Anáfora Associativa

A *anáfora associativa* tem sido analisada sob diferentes perspectivas. Kleiber, Schnedecker e Ujma (1994) expõem sobre uma concepção ampla e uma concepção restrita, sobre as quais há uma distinção de ordem teórica que diz respeito ao aspecto formal do elemento anafórico, e, conseqüentemente, à relação de associatividade entre SNa e SNb. Segundo esses autores, a oposição entre a concepção ampla e restrita se traduz por uma extensão sensivelmente diferente: a definição ampla acolhe todo pronome anafórico indireto e todo demonstrativo anafórico indireto como anáfora associativa, enquanto a definição restrita proíbe tal assemelhamento, só reconhecendo como anáfora associativa possível o SN com artigo definido (p.8-9).

Na concepção ampla, mais que na concepção restrita, está presente uma configuração conceitual que norteia a relação anafórica e que se encontra além das formas lexicais.

No presente estudo, assume-se como abordagem a **concepção restrita de anáfora associativa**, na qual “são pertinentes para o reconhecimento do fenômeno, essencialmente, fatores como o tipo de expressão anafórica, a natureza da relação indireta, etc” (Kleiber, Schnedecker e Ujma, p.5). No caso dessa concepção, dizem os autores, “a mudança de formas lingüísticas desencadeia uma mudança na configuração conceitual: as formas desempenham, deste modo, um papel na definição da anáfora associativa” (p.5).

Diante do trabalho desses autores, em que eles expõem diversos aspectos da *anáfora associativa*, torna-se necessário delimitar a breve exposição a se desenvolver aqui. Uma vez assumida a opção pela concepção restrita, orienta-se pelas seguintes marcas:

- a. o elemento anafórico é um SN com artigo definido. Trata-se de um referente novo introduzido/apresentado como já conhecido, com a suposição de que, no cotexto, há informações necessárias para completar a sua identificação referencial;⁵
- b. há uma expressão no cotexto antecedente que serve de âncora para o SN definido. Essa expressão pode ser um SN definido, um SN indefinido, um SN-verbal, um SN demonstrativo, etc, e
- c. a relação entre o elemento anafórico e a âncora não é de retomada nem de correferencialidade, mas de remissão, de caráter inferencial. Essa relação ou “ancoramento” é preferencialmente de base léxico-estereotípica.

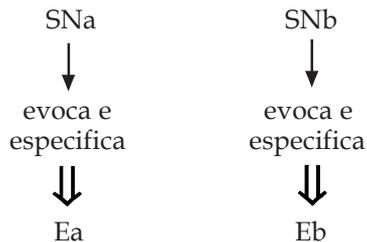
Sintetizando, assume-se que “a anáfora associativa pede que o referente novo seja interpretado como já conhecido, e que esteja em relação indireta (ou não-correferencial) com o referente já mencionado”, observam Kleiber, Schnedecker e Ujma (p.10). Isso indica que a associatividade anafórica envolve inferências, informações implícitas, conhecimento de

⁵ Quanto à definitude do elemento anafórico que integra a *anáfora associativa*, certamente o artigo definido é um recurso para apresentar o referente como já conhecido. Pensando nisso, até que ponto a definitude projetada pelo artigo definido pode indicar suficientemente o referente de um elemento anafórico? Essa questão não é explorada no presente estudo.

língua, conhecimento de mundo, trabalho cognitivo-discursivo, sem descartar, porém, o aspecto léxico-estereotípico das expressões fundado socialmente.

Ao delimitar formalmente apenas a expressão anafórica (SN com artigo definido), mantém-se coerentemente a mesma perspectiva de análise que orientou a exposição/identificação sobre a noção de anáfora correferencial. Isso não significa, em momento algum, que no processo referencial e/ou anafórico a forma lingüística seja mais importante do que as informações difusas no cotexto, as informações contextuais, o conhecimento de língua e de mundo armazenado na mente dos interlocutores, ou a cooperação desses indivíduos, mas, sim, significa que a forma lingüística é tomada como ponto de apoio, ponto de partida para a identificação de relações anafóricas, entendendo que, para as formas lingüísticas focalizadas, convergem os demais elementos pertinentes a cada ocorrência associativa. Por fim, não há um medidor com o qual possa atribuir maior ou menor importância aos elementos (entre eles a forma lingüística), porque eles inter-relacionam de modo particular a cada texto.

Kleiber, Schnedecker e Ujma (p.30) propõem o seguinte esquema para representar a anáfora associativa:



Em que, **SNa** é o *elemento substancial* que fornece a fonte (indicações referenciais), e **SNb** o elemento anafórico. **Ea** é o referente de **SNa**, e **Eb** o referente de **SNb**. Nesse caso, cada **SN** evoca (introduz) e especifica o próprio referente, isto é, **SNb** ativa um referente ainda não designado.

Essa questão é exemplificada abaixo:

Excerto 2

F Não, eu não sei se foi na Flori... Foi no centro, (est) porque ele... Que a pessoa pegou **o táxi**, né? Na rádio a gente escutou que foi dez e cinquenta da noite, mas não sei porque tinha pessoas que viram **aquele táxi** já às oito horas da... da noite circulando por aqui, né? Inclusive a minha mãe viu, (est) né? que entrou **um táxi**, que na rua onde que ela mora é a rua principal e tem uma que é só fundos, ela não tem saída, né? Então só tem dois moradores ali. Ela viu que **um táxi** entrou ali dentro, né? Ela achou assim,

nossa! **Um táxi** indo para o vizinho, coisa que nunca a gente vê. Que será que aconteceu, né? Está, não demorou **o táxi** veio de volta, mas ninguém pensou... (inint) (hes) foi visto... duas pessoas, né? (hes) **Esse carro** foi encontrado, moradores viram que **o carro** deu a volta e desceu um barranco pra frente. E uma pessoa se atirou pela **porta**. **A porta** abriu e se jogou pelo mato, né? (est) E, vi... daí uns trinta metros (hes) abaixo, no mato assim, né? que era um barranco abaixo assim, né? Eles escutaram barulhos, (est) né? Aí, aquela pessoa que escutou foi chamar a polícia, a polícia veio e quando foram ver já estava morto ele, né? (est) todo esfaqueado.

E Ai, que horror! (SCBLU02 - 713 a 741)⁶

De que *porta* se trata? Nesse caso, mais de um elemento nominal figuram-se como SNa, capazes de servir como fonte de *a porta*[SNb]. São eles, *o carro*, *esse carro*, *o táxi*, *um táxi* e *aquele táxi*. Isto é, *a porta* refere-se à *porta* do *carro* (*táxi*) enunciado anteriormente. A relação entre *a porta* e um SNa projeta-se como um caso típico de *anáfora associativa*, sob a concepção restrita. Para a associatividade entre SNb e um Sna, leva-se em conta que todo carro/táxi tem porta. Uma relação pré-textual, portanto, que faculta aos interlocutores considerar que *a porta* no texto pertence ao *carro/táxi* mencionado anteriormente.

Kleiber, Schnedecker e Ujma (1994, p.5) assinalam que, sob a concepção restrita da anáfora associativa, existe uma subdivisão teórica: "há os que reivindicam uma abordagem cognitivo-discursiva do fenômeno, em que o discurso é capaz de estabelecer a associação; e outros defendem uma abordagem mais semântica, que estipula que a relação é de natureza léxico-estereotípica". Essa subdivisão é o assunto da próxima seção.

2.1 - Associatividade: cognitivo-discursiva ou léxico-estereotípica?

Dentro da abordagem cognitivo-discursiva, a relação anafórica acontece sob orientações intratextuais, de modo que a construção do referente não apenas se adequa ao texto, mas também é determinada por ele. Isto é, não há no cotexto um elemento substancial pontualizado com o qual o

⁶Santa Catarina, Blumenau, n.02.

elemento anafórico tem uma relação referencial *a priori* e conhecida dos interlocutores, o que há no cotexto são informações difusas por intermédio das quais os interlocutores estabelecem inferências capazes de indicar o referente do elemento anafórico em foco. E essas inferências implicam um trabalho cognitivo que as complementa, no sentido de que os interlocutores acionam o conhecimento de mundo (armazenado na mente) e contextual, podendo projetar no texto relações referenciais inusitadas e, até então, inexistentes, mas aceitáveis cognitivamente. Em suma, conforme a abordagem cognitivo-discursiva, a construção referencial depende de aspectos intratextuais e da atividade cognitiva dos interlocutores, os quais geram uma associatividade *sui generis*.

Dentro da abordagem léxico-estereotípica, a relação anafórica acontece a partir da carga semântico-referencial que os elementos lexicais possuem, independentemente de orientações cotextuais. Uma análise a partir dessa abordagem reconhece a carga semântico-referencial de cada elemento como atribuída aprioristicamente, a qual é introduzida e mantida no texto no sentido de satisfazer a construção referencial do elemento anafórico em foco. Privilegia-se, portanto, nesse caso, a relação de associatividade pré-existente entre elemento anafórico e elemento âncora: processo semelhante ao que identificado entre *a porta* e *um táxi/o carro*. Isso não implica ignorar uma adequação da associatividade ao texto.

Dois estudos que estabelecem um debate de que a *anáfora associativa* é um fenômeno cognitivo-discursivo ou léxico-estereotípico são o de Charolles (1994) e o de Kleiber (1994). Esses autores, muito mais do que defenderem diferentes posições, propõem-se a dialogar sobre a anáfora associativa.

A expectativa é, inicialmente, de que os elementos destacados no texto abaixo sirvam como exemplo da **abordagem cognitivo-discursiva**.

Excerto 3

E Com que idade?

F Ah, doze, (hes) uns treze. Nós temos menina ali com catorze anos que já tem filho. E elas pegam carona, conhe... [...] E você vai, arruma um emprego pra ela, arruma matrícula no colégio, tudo. “Mas quem te pediu isso? Eu estou vivendo a vida que eu quero. [...] E Esquece que o tempo passa, né?”

F De repente esses tempos veio até... veio uma que estava na prostituição. E ela com a maior cara de pau me falando. Diz: “Olha, a gente tem comida, tem

roupa, única coisa que a gente faz é de noite beber e dançar. E se quiser transar, vai transar. Tem até piscina lá. Eu vou pedir pro juiz me dar uma ordem pra mim ficar lá, porque eu vou ficar fazendo o que aqui em casa, heim? Pra mim viver aí eu tenho que trabalhar de bóia-fria. Arrancar feijão o dia inteiro, morrer de dor nas costas e ganha uma miséria. E lá eu ganho *o dobro* numa noite.” Então me arrependo até. Como é que você vai pôr na cabeça dela que hoje ela está ganhando bem, mas e amanhã, como é que vai ser? É uma coisa bem difícil, bem complexa. (PRPBR12 – 354 a 406)⁷

Um elemento anafórico a partir do qual se pode observar a anáfora associativa pela abordagem cognitivo-discursiva é *o dobro*[SNb]. Para que se identifique seu referente, não basta recorrer/ancorar a um SNa específico, mas, sim, a diferentes expressões cotextuais: *uma miséria (salário atual)*, *uma que estava na prostituição* e, *numa noite*, e a informações difusas no cotexto. Essas expressões são simultaneamente eleitas como âncora de SNb. Embora *o dobro* estabeleça relação anafórica com várias expressões, nenhuma delas assume “sozinha” a função de SNa, capaz de orientar suficientemente a construção referencial de SNb. A relação de associatividade nesse caso é dependente também de um conhecimento de mundo que diz respeito à prostituição de menores, conhecida nacionalmente via imprensa.

Essa breve análise parece indicar que a abordagem léxico-estereotípica sobre a anáfora associativa encontra-se em posição de xeque. Charolles (1994, p.66) também questiona essa abordagem:

podemos mesmo perguntar se a noção de estereótipo não perde, exatamente, sentido, a partir do momento em que admitimos que possam existir “estereótipos” conjunturais, não tendo outra validade, a não ser que em um contexto determinado? A noção de estereótipo, sobretudo se queremos explorá-lo na descrição lexical não vai, com efeito, sem a idéia de certa generalidade.

As palavras de Charolles e as observações acerca do termo *o dobro* incitam a postular a *anáfora associativa* como um fenômeno cognitivo-discursivo, elevando as informações cotextuais (explícitas e implícitas) e o trabalho cognitivo (que seleciona informações sociais, contextuais e do mundo integrante do texto em questão) ao patamar de geradores de referentes. Tal processo privilegia sobremaneira a relação de associatividade como um

⁷Paraná, Pato Branco, n.12.

fenômeno singular a cada ocorrência; contudo, sem abandonar por completo o aspecto léxico-estereotípico inerente à associatividade em questão.

A partir dos elementos destacados abaixo, a expectativa é de expor a **abordagem léxico-estereotípica**.

Excerto 4

F Então eu acho que na época o... corria mais dinheiro dentro de Lages do que hoje, né? hoje a falta de emprego é demais, lógico, a população cresceu também, né? (est) Não resta dúvida que naquele tempo eram menos pessoas, (hes) mas eu acho que o dinheiro corria mais, era uma região bastante rica, né? (est) e hoje nós (hes) a nossa tradição, no caso, o pinheiro nativo, (hes) quem tem uma reserva já não vende, não é? (est) porque é... senão daqui mais uns... uns anos nenhum a... as crianças que... de hoje não vão conhecer o pinheiro nativo mesmo, né? (est) Porque hoje só tem o pinheiro americano, e **o pinheiro nativo** é uma coisa assim tão linda, *o pinhão*, né? (SCLGS18 – 105 a 119)⁸

Acerca do elemento anafórico *o pinhão*[SNb], cabe perguntar qual o seu referente? Ou seja, qual *pinhão*? O fruto do *pinheiro nativo*[SNa]. Nesse caso, a relação entre as duas expressões é sobretudo de natureza léxico-estereotípica, visto que *o pinhão* já traz explícita sua associação com *o pinheiro*. Seu referente “sempre” é o fruto do pinheiro de que fala a informante. A relação entre *o pinhão* e *o pinheiro* aponta que o aspecto léxico-estereotípico dos itens lexicais tem (ou pode ter) uma origem nos fenômenos naturais. Isto é, a comunidade de falantes imprime no léxico certa abstração da realidade.

Na interpretação referencial de *o pinhão*, contudo, não se descarta por completo a abordagem cognitivo-discursiva, pois a simples inserção da expressão no texto implica um trabalho cognitivo-discursivo, um reconhecimento sobre a relação entre os dois SNs nesse excerto em particular.

Qual abordagem pode melhor explicar o fenômeno da *associatividade*, a cognitivo-discursiva ou a léxico-estereotípica? Parece que há casos em que o olhar não fugiria de uma delas, em contrapartida, há casos em que ele se prenderia a outra abordagem. Dada a brevidade dessa análise que assumiu a concepção restrita como objeto teórico, em vez de buscar uma conclusão acabada, melhor considerar algumas indicações acerca do fenômeno associativo. A saber, a abordagem cognitivo-discursiva projeta-se quando o elemento anafórico é de referência genérica, por exemplo, o SN *o dobro* destacado no excerto 3. Por outro lado, quando o elemento anafórico é de referência específica (por exemplo, *o pinhão*), uma abordagem complementa a outra.

A ocorrência acima entre *o pinhão* e sua âncora, e

a ocorrência entre *a porta* e sua(s) âncora(s) no excerto 2 apontam que a convenção semântico-referencial estabelecida pela comunidade de falantes acerca do mundo extralingüístico contribui para que a anáfora associativa seja entendida como fenômeno léxico-estereotípico, sobretudo no caso de *o pinhão*, em que a associatividade parece existir na natureza. É como se o léxico absorvesse e carregasse a carga semântico-referencial (ou o conceito) que uma vez lhe foi atribuído, mesmo sabendo que “um traço estereotípico ou prototípico não é, necessariamente, um traço conhecido de todo mundo”, como bem alerta Kleiber (1994, p.84). Isto é, para que a convenção estabelecida pré-textualmente e a estereotípica se sustentem, é necessário que falante e ouvinte compartilhem o conhecimento de mundo e o de língua ativados na produção textual.

A respeito dessa interface entre texto/discurso e estereótipo, o argumento de Charolles (1994, p.66) é de que

O discurso impõe cálculos [semânticos] que obrigam o leitor a encontrar uma ou outra solução, partindo do princípio de que ele deve ter, neste sentido, uma relação que precisamente o definido indique. [...] Quanto mais esta relação for convencional, e “passada no sentido lexical”, mais a solução será fácil de encontrar, mas o estereótipo não faria mais que facilitar um processo de recuperação inferencial/referencial, que é implicado em dado texto. Não se trata, portanto, de negar o papel dos estereótipos, mas simplesmente de relativizá-lo.

As indicações são de que apenas a junção de fatores cognitivo-discursivos e léxico-estereotípicos possibilita a construção referencial de elementos anafóricos que residem sob a concepção de anáfora associativa, embora haja uma tendência da abordagem cognitivo-discursiva sobrepujar a léxico-estereotípica. Isso pelo fato de o estereótipo sempre se “acomodar” ao texto e o estereótipo nem sempre satisfazer a relação de associatividade. Parece, portanto, que se deve reconhecer o texto que acolhe o SNa e o SNb em questão, mesmo que os produtores de determinado texto reconheçam a convenção, o conceito, o traço estereotípico entre dois SNs.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante reflexão sobre a concepção restrita de anáfora associativa, verificou-se que o fenômeno anafórico ultrapassa os limites da anáfora

⁸ Santa Catarina, Lages, n.18.

correferencial pautada nas formas lingüísticas. Para essa ampliação, foi fundamental levar em conta que vários fatores orientam a construção de referentes, destacando-se: informações difusas no cotexto, negociação dos interlocutores, contexto situacional, trabalho cognitivo, conhecimento de língua e de mundo.

Apesar de expor a anáfora associativa limitada pela concepção restrita, observou-se que a *associatividade* é eivada de divergências conceituais, sobretudo no que diz respeito ao aspecto aparentemente mais factível a um consenso: o aspecto formal. Por certo, o ponto crucial dessa reflexão consiste na conclusão (indicação!) de que esse tipo de anáfora não se explica puramente pela abordagem léxico-estereotípica nem pela cognitivo-discursiva, mas pelo amálgama de ambas. Isto é, no texto oral (conforme excertos), **a anáfora associativa parece ser um fenômeno ambivalente: cognitivo-discursivo e léxico-estereotípico.**

Uma vez assumido o interesse de investigar a *anáfora associativa* delimitando formalmente apenas a expressão anafórica (SN definido) e deixando “solto” o elemento âncora (SNa), cabe a esse elemento o aspecto variável. Essa variabilidade reflete-se na relação de associatividade. Parece que o exemplo mais nítido disso é o caso em que o elemento anafórico não encontra um SNa pontualizado, mas, sim, informações difusas no contexto. Evidentemente uma análise acurada pode definir tal variabilidade, por conseguinte, também dar maior consistência à concepção restrita de *anáfora associativa*.

peut-il remettre d’aplomb une anaphore associative mal formée? In: SCHNEDECKER, C. et al. (eds). **L’anaphore Associative. Aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques.** Paris: Klincksieck, p.93-112, 1994.

KLEIBER, Georges; SCHNEDECKER, Catherine; UJMA, Laurence. L’anaphore associative, d’une conception l’autre. In: SCHNEDECKER, C. et al. (eds). **L’anaphore Associative. Aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques.** Paris: Klincksieck, p.5-64, 1994.

KNIES, Clarice Bohn; COSTA, Iara Bemquerer. **Banco de Dados Lingüísticos VARSUL: Manual do usuário.** Curitiba, UFPR; UFSC; UFRGS; PUC/RS, 1996. 314p.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Referenciação e Cognição: o caso da anáfora sem antecedente. In: ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA, (1998: Juiz de Fora). Trabalho não publicado.

Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. **Revista Letras**, n. 56, p.217 -58, 2001.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHAROLLES, Michel. Anaphore associative, stéréotype et discours. In: SCHNEDECKER, C. et al. (eds). **L’anaphore Associative. Aspects linguistiques, psycholinguistiques et automatiques.** Paris: Klincksieck, p.65-92, 1994.

HALLIDAY, M.A.K.; HASAN, Ruqaiya. **Cohesion in English.** Londres: Longman, Cap.1, (Tradução realizada pelo Departamento de Línguas Estrangeiras da UFRN, 1976.

ILARI, Rodolfo. Anáfora e correferência: por que as duas noções não se identificam? **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, n. 41, p. 91-109, 2001.

KLEIBER, Georges. Discours et stéréotypie; le contexte